



Uma ciência digna que produza tecnologias que abordam os problemas de nossos povos

Por Leonardo Melgarejo. Fuente: Revista *Biodiversidad, Sustento y Culturas*.

2025/02/05

Nesta 120ª edição da revista *Biodiversidad Sustento y Culturas*, nosso esforço para analisar esses 30 anos de lutas pela construção da consciência e da autonomia dos povos exige que observemos aspectos sutis da colonização que nos oprime.

Apesar das lições acumuladas com as experiências de nossas vitórias (e derrotas) mais importantes, os principais problemas e desafios do passado não apenas permanecem, mas estão piorando.

Precisamos entender o processo sutil que avança no inconsciente coletivo a partir da validação de conceitos que nos mantêm presos.

Isso inclui não apenas as abordagens priorizadas em nossas universidades e centros de pesquisa, mas também o que acontece em todos os ambientes de treinamento. Nesses espaços, avança uma articulação perversa que estabelece uma forte conexão entre os



processos de treinamento e as campanhas de marketing, naquilo que Vandana Shiva categorizou como a colonização das mentes [1], e que mais tarde foi apontado por Boaventura de Souza Santos como instrumentos para bloquear a necessária "afirmação das epistemologias do Sul" [2]. Como resultado, consolida-se uma verdadeira substituição de valores e objetivos sociais. Os imaginários de sucesso e de realização socioprofissional dos indivíduos privilegiados pelo acesso aos espaços de ensino superior passam a ser impulsionados pelo desejo de reconhecimento social, que é alcançado pela adesão às cadeias de remuneração construídas a partir do domínio de interesses externos sobre nossos mercados, territórios e modos de vida.

A consolidação de métricas individuais de sucesso que premiam agentes cooptados por interesses transnacionais, ao mesmo tempo em que discriminam aqueles que se opõem a eles, cria hordas de defensores de espaços discriminatórios que restringem as possibilidades do conhecimento indígena, da produção científica e do ativismo que exige a articulação do conhecimento científico e popular como base para a construção de nações soberanas.

Em outras palavras, esses mecanismos impedem nosso desenvolvimento porque são essencialmente orientados para a produção de mão de obra que garante a irradiação, entre nós, de tecnologias que nos submetem ao poder das corporações transnacionais.

Não se trata de negar a importância e a validade do conhecimento gerado no exterior, mas de exigir a autonomia de nossas agências voltadas para a produção de ciência, tecnologia e treinamento, ressaltando que hoje elas parecem se limitar a produzir tecnólogos especializados na adaptação de bens com patentes transnacionais.

Vemos surgir, entre nós, uma suposta classe média guiada pela falsa ideia de uma "meritocracia baseada no conhecimento", que atua como uma verdadeira casta fundamentalista, refratária ao espírito crítico e obcecada pela validação social das "verdades" defendidas em nome de seus empregos. Essas circunstâncias, que resultam do desvio de nossas universidades de seus propósitos originais (como documentar e compreender os problemas vividos por nossos povos), sufocam nossas possibilidades de desenvolvimento efetivo e são patrocinadas por nossos governos.

Parece que estamos sendo conduzidos por líderes que aceitam a hipótese de que as ciências humanas podem se livrar do acúmulo histórico de inovações e conhecimentos territorialmente adaptados, substituindo os resultados da epigenética global, consolidados ao longo de milênios, por sua experiência de transgênicos com sementes patenteadas.

No setor de alimentos, essa hipótese está avançando e se expressa em novas fragilidades e doenças associadas ao consumo de produtos ultraprocessados,



verdadeiros alimentos para animais obtidos principalmente de milho e soja geneticamente modificados.

Ao mesmo tempo, podemos notar o descaso generalizado de nossas organizações de pesquisa e treinamento para o desenvolvimento anterior de opções populares capazes de garantir a soberania alimentar em ecossistemas tão diversos como a Patagônia, a Amazônia, o Cerrado, o Pantanal e a Caatinga.

Isso, que ocorre em todos os países da América Latina, é bem ilustrado pelo avanço das culturas geneticamente modificadas e dos agrotóxicos associados, pela degradação que isso impõe aos nossos biomas com o envenenamento da água e o enfraquecimento do sistema imunológico de nossas populações.

O vínculo inaceitável entre esses eventos e nossos espaços de produção, treinamento e divulgação científico-educacional fica evidente nos esforços para justificá-los - conforme anunciado diariamente por acadêmicos renomados e autoridades dos poderes executivo, legislativo e judiciário.

A corrupção, a erosão da democracia representativa, o avanço de experiências fascistas, a perseguição de líderes populares e a deslegitimação do conhecimento baseado em ciência decente estão entre as consequências desse fenômeno.

Consequentemente, se ficarmos de lado, o controle da inteligência de nossos povos pelos neocolonialistas e seus vassalos locais tenderá a estender ao longo do tempo o domínio que já exercem sobre nossos territórios, avançando, não nos enganemos, sobre o que somos, buscando apagar nossas identidades.

Precisamos que nossa produção de conhecimento e tecnologias passe por ajustes éticos e se volte para nossas acumulações civilizacionais, incorporando a sabedoria coletiva de nossos povos, em vez de rejeitá-la.

São essenciais os esforços de conscientização e fortalecimento das iniciativas populares voltadas para a construção e valorização do conhecimento tradicional, com o apoio da ciência acadêmica no construtivismo desenvolvido nos moldes defendidos por Paulo Freire.

O progresso alcançado sem o apoio do Estado nos campos da agroecologia, da igualdade de gênero e da coordenação entre os povos, entre muitos outros que constituem nossa perspectiva comum, com vistas à emancipação coletiva, é realmente empolgante.

O fortalecimento desses processos está incluído entre os objetivos desta edição da revista e esperamos estar contribuindo para a ampliação das ações e debates relacionados a eles.



Referências:

[1]<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/594334-vandana-shiva-temos-de-destruir-o-mito-de-que-a-tecnologia-e-uma-religiao-que-nao-pode-ser-questionada>

[2] Santos, Boaventura de Sousa. O fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. 478 p.

Republicado de Revista *Biodiversidad, Sustento y Culturas*, número 120. Idioma original: espanhol. Disponível em: <https://www.biodiversidadla.org/Documentos/Una-ciencia-digna-que-produzca-tecnologias-dirigidas-a-los-problemas-de-nuestros-pueblos>
